

Arte e educação¹

Ana Paula Caetano

Queria desde já felicitar o projeto pelo seu interesse, relevância social e pertinência e dizer da satisfação que tenho em juntar-me a vocês neste momento da sua apresentação. Sugeriram que falasse um pouco sobre arte e educação nesta fase quase final da sessão e preparei um texto que, no desconhecimento em detalhe do projeto corre o risco de parecer deslocado.

Sublinharia, grosso modo, 2 tipos de discursos e práticas artísticas que encontramos em projetos de natureza social:

- Por um lado, um discurso que reifica o controle social, onde a arte surge como caminho para a adaptação, para a recondução ao normalizado, ao estandardizado;
- Por outro lado, um discurso que desafia uma visão hegemónica, pelo que a arte é entendida como processo para viver e imaginar alternativas encontrando o seu lugar nesse imaginário e tornando-o realidade, o que me parece ser o caso deste projeto que aqui está a ser apresentado.

Aqui a arte aproxima artistas e não artistas, convidando-os a participarem em processos artísticos coletivos, retirando-os do acomodamento a uma realidade tantas vezes sofrida, injusta, castradora.

A arte da vida que faz de cada um uma obra aberta e em construção, que assume a matéria da dor e da alegria, do trivial e circunstancial, do pessoal e coletivo, desde o micro ao macro, passando pelos contextos locais que habitamos. Uma arte que usa essa matéria da vida como recurso com o qual trabalhar, para os aprofundar, reciclar, transmutar, recriar. Uma arte que é uma experiência, um processo, um jogo relacional onde os afetos, as ideias, os objetos dialogam e se fundem. Uma arte colaborativa onde os saberes da vida e os saberes da estética se miscenizam na troca dos que vindo de diferentes mundos se encontram, se conectam.

Mas este caminho não é feito apenas de sonho, também de tensões, de escolhos e de tropeços que importa não desconsiderar, sobre os quais importa olhar para refletir quando acontecem e antes de acontecerem, não para evitar todos e a qualquer preço, mas para que a obra seja permanentemente aberta, à escuta de si própria, reflexiva na dificuldade, usando as pedras no caminho como peças para erguer não muros mas molduras, que nos permitem ver o mundo de modos inusitados, de perceber que no nosso olhar subjetivo se encontra uma verdade inesperada, que a sua possibilidade está sempre lá, no olhar nosso que ao reparar percebe lugares onde se deter e que ao se transformar os transforma. Poderemos, podemos, sim, vivificar nossas vidas, ser mais conscientes, mas nada o garante à partida.

¹ Art Connection _ Evento de desmultiplicação realizado em Lisboa, pela CAI no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa

Entre outros aspetos, neste projeto ousei fazer sobressair, se bem o entendo, e por isso devolvo esta interpretação aos seus responsáveis para que me corrijam, um conjunto de ideias, que agregarei em torno de 2 eixos principais:

- A ideia de Ser Com /Existir Com, habitando os espaços e criando – conexão, c-criação, co-construção, colaboração – A arte como um processo de conexão – entre pessoas, entre culturas, entres domínios artísticos, entre saberes diversos;
- A dimensão Educativa, assente em perspetivas críticas, que opera através de processos participativos de engajamento social e cultural, com propósitos emancipatórios e de empoderamento, onde o poder e a voz de todos tem o seu lugar, cada um com seus saberes e não saberes, partilhando e criando juntos, visibilizando o que é invisível – cada um na sua singularidade e suas condições comuns de vida, atenuando barreiras, interrogando fronteiras enquanto vivemos nelas e as atravessamos, desafiando expectativas e valorizando o que tantas vezes a sociedade desvaloriza, vivendo experiências estéticas que nos permitem viver de um outro modo o nosso quotidiano – dialogando, exprimindo pensamentos e emoções, transmutando-os, transportando-nos de um modo sensível para dentro de um outro registo, transgredindo os limites do estabelecido, das normas, do que é estabelecido, do que é supostamente arte, investigar em arte, educar pela e com a arte.

Lanço, também, algumas questões, não para serem respondidas agora, nem porque tenham necessariamente a ver com este projeto, mas porque me parece serem tensões em relação às quais precisamos permanecer atentos, vigilantes, para manter o sentido do que fazemos:

- Identifico um duplo movimento de aproximação: o movimento da arte que se aproxima da vida quotidiana e o movimento dos processos sociais e educativos que se apropriam dos processos e lógicas artísticas – um duplo movimento que pode poderá gerar confluências, mas também conflitos;

- O envolvimento de profissionais diversos, que muitas vezes não são artistas: educadores, sociólogos, antropólogos, historiadores, etc. Nesses encontros de sensibilidades distintas temperam-se eventualmente excessos e criam-se possíveis e instáveis equilíbrios;
- A tensão entre por um lado a fruição de algo que nos dão ou a cooptação pelos artistas numa sociedade do espetáculo, e, por outro lado, a cocriação e coprodução;
- A tensão entre uma arte popular e comunitária e uma arte que pretende sobretudo dialogar com a arte do seu tempo, com o risco de algo se perder de ambas sob um hipotético imperativo de síntese e sincretismo;
- A esteticização do ativismo político, drenando o desejo de ir contra o estabelecido;

- Uma intencionalidade dos projetos focada na transformação, mas com o risco de se perder em lógicas de institucionalização e de se desviar quando sobrevêm interesses de outra natureza, como os da sua própria sobrevivência;
- A relevância de uma ação social e educativa, para a qual parece relevante, mas difícil de conciliar, uma ação de investigação, também ela podendo ter uma dimensão artística, que acompanhe e amplie a nossa compreensão e consciência das barreiras e dos modos de superação com a arte;
- A importância de desenvolver comunidades sustentáveis, mais do que construir objetos tangíveis, espaços onde se imaginam, criam e sustentam narrativas alternativas aos discursos hegemônicos e que permanecem ou que deixam sementes que permanecem em aberto para além dos projetos.

É crucial informar os participantes de que não haverá julgamento estético das suas obras de arte. As artes, nesta prática, são um meio de expressão, não um lugar para impor as normas da Academia de Arte (capital-A). O espaço artístico é despojado dos cânones e juízos de (capital-A) Estética. Ao interpretar as imagens, os participantes devem estar envolvidos na negociação do significado das obras de arte, e devem desempenhar um papel proeminente no processo de discussão. Além disso, a interpretação permanece aberta (Marxen, 2018,p.52)

- Trazer arte mais próxima da vida quotidiana

Finalmente, os profissionais que trabalham noutras esferas podem organizar o trabalho subjectivo para manter a capacidade de simbolização, utilizando técnicas artísticas como, por exemplo, a terapia artística ou a associação verbal sobre arte, e a consistência da produção artística e das artes subjacentes aos laços sociais pode ser vista, por exemplo, com uma forma de psicanálise aplicada. São então criados espaços que oferecem narrativas alternativas para vidas institucionalizadas e discurso hegemónico (ver, por exemplo, Marxen e Rodríguez 2012). Formação profissional adequada e continuidade são essenciais, uma vez que permitem que os processos dos participantes se desenvolvam (Marxen 2011b, 2013b, 2016).

Claire Bishop (2006, 10) observou "práticas artísticas desde os anos 60 que as formas sociais apropriadas como uma forma de aproximar a arte da vida quotidiana: experiências intangíveis tais como dançar samba (Helio Oiticica) ou funk (Adrian Piper); beber cerveja (Tom Marioni); discutir filosofia (Ian Wilson) ou política (Joseph Beuys); organizar uma venda de garagem (Martha Rosler); gerir um café (Allen Ruppertsberg; Daniel Spoeri; Gordon Matta-Clark), um hotel (Alighiero Boetti; Ruppertsberg) ou uma agência de viagens (Christo e Jeanne-Claude)." (Marxen, 2018, pp. 44-45)

Referências

Marxen, E. (2018). Artistic Practices and the Artistic Dispositif – A Critical Review. *Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología*, 33, 37-60. <https://doi.org/10.7440/antipoda33.2018.03>

Pardal, A. (2022). Práticas artísticas contemporâneas [Tese de doutoramento, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa] RCAAP.

